

REFLEXOS DAS BARREIRAS SANITÁRIAS NAS AÇÕES DOS FRIGORÍFICOS EXPORTADORES: UM ESTUDO DE CASO. Mateus Claro de Souza; Ana Claudia Giannini Borges. – Administração – Departamento de Economia Rural – Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias. – UNESP – Câmpus de Jaboticabal.

A importância do agronegócio para o Brasil pode ser verificada através da sua representatividade no PIB país, no emprego e nas exportações, respectivamente 34%, 37% e 43% (BRASIL, 2006). Dentro do agronegócio destaca-se a pecuária, atividade que, segundo ZEN (2005), está presente em 75% das propriedades agrícolas do país, gerando 360 mil empregos diretos e um milhão de empregos indiretos. O rebanho bovino brasileiro, de aproximadamente 166 milhões de cabeças, está distribuído, segundo ANUALPEC (2006) na região Centro-Oeste, concentrando 35%, na região Sudeste com 20%, na região Norte com 18%, na região Nordeste com 14% e na região Sul com 13% do total. Esse rebanho é destinado a duas atividades específicas, ao corte, 129,6 milhões de cabeças (79%), e à produção leiteira, 32,2 milhões (21%). A especificidade da atividade difere entre as regiões, sendo o Centro Oeste e o Norte especializados principalmente na produção de gado para corte e o Sudeste e o Nordeste no gado leiteiro. A importância da pecuária para o setor externo do país, pode ser verificada pela representatividade da carne brasileira no comércio mundial, sendo responsável por 20% do total. Os países importadores da carne brasileira são principalmente os EUA, os países da União Européia, a Jamaica e o Canadá. Porém, o mercado da carne bovina brasileira e sua competitividade são ameaçados constantemente por fatores internos ao país (problemas sanitários) e fatores externos, entre eles a concorrência. Os principais países concorrentes são Uruguai, Argentina, Austrália e Estados Unidos (ANUALPEC, 2006). A exportação da carne bovina brasileira está centrada, principalmente, em cinco grandes frigoríficos, sendo eles: Friboi, Bertin, Independência, Minerva e Marfrig. É importante considerar que os frigoríficos, para manter o seu *market share*, precisam superar as diversas restrições impostas aos seus produtos, havendo a necessidade da adoção de ações pontuais. Essas ações diferem para cada mercado, dependendo dos tipos e do grau das restrições. No caso específico da União Européia, pode-se observar que há uma política protecionista por parte dos governos, através de tarifas e licenças a importação, visando estabilizar o mercado e garantir a sobrevivência dos produtores locais. A política contém um componente forte de sustentação de preços, diminuindo as oscilações do nível de preço, para isso concede empréstimos para a estocagem de carnes ou viabiliza a compra da carne por agências públicas. As ações da União Européia podem se ampliar quando houver risco de desestabilizar o mercado com as importações, para tal tarifas adicionais de importação podem ser adotadas. Porém, além da União Européia, tantos outros países se utilizam de salvaguardas, principalmente quando houver a possibilidade de distúrbios no mercado, causados pelo comércio externo (CONTI; TALAMINI, 2005). Sendo assim, vale conceituar sucintamente os arquétipos de barreiras existentes para controlar o intercâmbio internacional de mercadorias, são elas: barreiras tarifárias – tarifas de importação, outras taxas e valorização aduaneira; barreiras não tarifárias – restrições quantitativas, licenciamento de importações, procedimentos alfandegários, medidas antidumping e compensatórias; barreiras técnicas – normas e regulamentos técnicos, regulamentos sanitários, fitossanitários e de saúde animal. Valem acrescentar que somente os dois primeiros tipos de barreiras são considerados comerciais. Segundo Brasil (1999), as barreiras técnicas surgem por causa da falta de transparência nas normas e regulamentos, ou da imposição de procedimentos cuidadosos de avaliação da conformidade do produto com os requisitos, ou da existência de regulamentos de discriminação do produto importado e/ou pelo excesso de zelo. Assim, mesmo a carne bovina brasileira sendo competitiva no mercado externo, as barreiras têm prejudicado as exportações, principalmente, por causa das barreiras técnicas. Isso se deve às exigências sanitárias rígidas impostas pelos mercados asiáticos e europeus, tornando complexas as vendas para estes nichos, principalmente com os recentes focos de febre aftosa no Paraná e no Mato Grosso. Considerando esse contexto, o presente trabalho tem por objetivo identificar e analisar, para uma empresa frigorífica exportadora, os reflexos das barreiras fitossanitárias impostas pelos importadores de carne bovina brasileira, no período compreendido entre 1995 e 2005. Para tanto, serão destacados três aspectos: a rastreabilidade do gado, a qualidade da carne bovina e a forma de engorda do mesmo. Num primeiro

momento fez-se uma revisão bibliográfica referente ao agronegócio da carne bovina, barreiras externas e competitividade. Posteriormente, buscando viabilizar o estudo de caso, coletou-se informações através de análise documental e questionário. O trabalho encontra-se em desenvolvimento. Contudo, é possível traçar algumas considerações. Constatou-se que a empresa estudada precisa atender um conjunto de requisitos demandados pelos importadores quanto à qualidade de seu produto, tais como: tipos de corte e marmorização e aspectos sanitários. Como forma de superar as barreiras sanitárias a empresa adotou algumas ações, entre elas a integração vertical a montante. A integração garante uma produção igualitária durante o ano, minimizando o problema da sazonalidade, além de viabilizar a engorda do gado de acordo com a demanda externa. Todavia, esta estratégia apresenta como um dos problemas o alto grau de capital imobilizado e o baixo retorno da atividade. Uma segunda ação é a rastreabilidade, que permite a identificação pelo comprador da procedência do gado. Observa-se pouca adoção desta prática em algumas regiões, sobretudo na Nordeste, por parte do agropecuarista. Para superar esta dificuldade, o frigorífico adotam como estratégia a adoção de premiação para os produtores que ofertarem produto rastreado, com as características necessárias para a exportação. Por último, adota-se a criação de bois orgânicos (boi verde). Em linhas gerais, foi possível visualizar uma dificuldade nas relações entre os elos, pecuarista e frigorífico, que dificultam a superação das barreiras sanitárias.

Referências Bibliográficas

Brasil. Portal do Governo Brasileiro. Indicadores. Brasília, 2006 Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/pais/indicadores/>. Acessado em set. 2006.

Zen. Produtor e Frigoríficos: a Simbiose Perfeita. Revista Agroanalysis. Vol 25 – Nº6 – Jun 2005

ANUALPEC. Anuário da Pecuária Brasileira. Indicadores. 5-87. São Paulo, 2006

Conti & Talamini. Carnes do Brasil? A União Européia Estremece!. Revista Política Agrícola. Ano XIV - Nº 1 - Jan./Fev./Mar. 2005

BRASIL. Ministério do desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior Secretaria de Comércio Exterior. Barreiras Externas às Exportações Brasileiras 1999. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivo/secex/>. Acessado em set. 2006.